

"AO OLHAR PARA A MINHA VIDA PASSADA  
SÓ QUERO DIZER UMA COISA, É QUE TO-  
DOS DEVEM PARTICIPAR NA REVOLUÇÃO "



O construtor de grutas, o revolucionário  
camponês Mao K'o-ye.



# viva a amizade fraterna do povo de portugal com os povos da china e da albânia !

ESTE É O SEGUNDO TEXTO DE APOIO À EXPOSTIÇÃO A REALI-  
ZAR NA FACULDADE DE LETRAS, A PARTIR DO DIA 3 DE JU-  
NHO, SOBRE A AMIZADE FRATERNA DO Povo DE PORTUGAL,  
COM OS PovoS DA CHINA E DA ALBÂNIA:

Ao organizar esta exposição temos em vista dois ob-  
jectivos:

- por um lado, dar conhecimentos exactos sobre a  
construção do socialismo na China e na Albânia em to-  
dos os seus aspectos (social, político, económico e  
e cultural) e sobre a sua política internacional e o  
apoio que trazem à luta dos Povos, a fim de destruir  
as ideias falsas, os preconceitos contra a China e a  
Albânia.

- por outro lado,  
contribuir para o reforço do movimento com vista à edificação  
de uma Associação de Amizade Portugal-China e Portu-  
gal-Albânia.

A COMISSÃO PRÓ-ASSOCIAÇÃO DE  
AMIZADE PORTUGAL-CHINA E ALBÂNIA

## MAO K'O-YE

*Construtor de grutas e camponês revolucio-  
nário, cinquenta e nove anos* } }

Gostava muito de contar o que me lembro. Mas nunca fui à escola e não sei ler nem escrever e, portanto, é natural que às vezes me engane nas datas. As coisas esquecem, não é? Na velha sociedade a vida era dura, era uma vida difícil e amarga. Os impostos eram pesados e não nos pagavam suficientemente pelas colheitas. Em 1926 e 1927 pagava-se 2 dólares em dinheiro por 300 *kin*. E era preciso pagar 2 dólares mensais de imposto familiar. Nessa altura tínhamos um boi e duas ou três pessoas na família em condições de trabalhar. Tínhamos recolhido 5 000 *kin* mas os impostos levavam metade. Não tínhamos tapete no *k'ang* e o cobertor tinha meio metro de largura. Nunca comíamos o suficiente e não tínhamos dinheiro líquido. Era difícil sair dessa situação, e cada ano era pior.

O meu pai era pedreiro e foi ele que me ensinou a construir grutas de pedra. Vivíamos em Yu-ling mas em 1917 mudámos de casa para vir viver para a região de Yen-an. Diziam que lá se vivia melhor. Nessa altura as pessoas mudavam muito de casa. Ia-se de uma aldeia para outra, dum proprietário para outro, em busca de rendas mais baratas. Os que tinham dívidas não podiam mudar. Na nossa família éramos cinco e tínhamos um pequeno baú com cobertores e um espelho. Quando aqui chegámos alugámos 60 *mu* a um proprietário chamado Tchang. Era a uma distância de 80 *li*. A renda era de 900 *kin*. Trabalhámos com os bois do proprietário e ele levava por isso 1 800 *kin*. No Outono tínhamos recolhido 9 000 *kin* de sementes. O meu pai ocupava-se da terra, e pouco podia contar comigo. Tinha um irmão e uma irmã mais novos do que eu. O proprietário não era mau, mas fumava ópio e em 1924

arruinou-se e ficou pobre, e nesse ano fomos para Niu-tsiang, a 20 *li* de distância.

Estava-se lá um pouco melhor. Tínhamos um boi nosso e podíamos trabalhar com pleno rendimento. Pagávamos de renda 600 *kin* por 60 *mu*. Geralmente colhíamos 5 a 6 000 *kin* e, pagos os impostos e a renda, ficávamos justamente com o necessário para viver. Depois, veio a grande fome de 1928. E em 1929 sofremos ainda a fome. Colhíamos as folhas para comer e misturávamos palha e casca dos ulmeiros ao trigo para fazer pão. Mas a fome de 1929 não provinha apenas da má colheita. Os impostos e rendas tinham levado a boa parte. A colheita não tinha sido má. Contudo, tinha-me casado nesse ano e as coisas não eram baratas. Tive de pagar 120 dólares em dinheiro pela minha mulher. No ano seguinte eu tinha mulher, mas toda a minha família tinha fome. Vivíamos ainda em casa dos meus pais. Tinha podido pagar a minha mulher graças a um empréstimo que me foi feito por um proprietário e funcionário que se chamava Kia e que vivia em Yenan, onde era chefe do distrito de administração do K. M. T. Os juros não ultrapassavam os dois por cento por mês, mas apesar disso nunca consegui reembolsar todo o capital. Conseguia apenas pagar os juros. Só em 1935, quando fizemos a revolução, é que o empréstimo foi anulado. Mas nessa altura já Kia estava morto. Mas continuei a pagar à viúva até fazermos a revolução.

Em 1930 instalei-me na aldeia de Ma-tan. Nas montanhas, lá no alto, podia ter a minha própria exploração. Aí, havia terras comuns e como arroteadores pagávamos só um *kin* por *mu* e por ano. Era preciso também pagar impostos. Dois dólares por mês em dinheiro. Era um trabalho duro.

Em 1935 veio um exército chamado exército vermelho. Estava no campo. Nas cidades estava o K. M. T. E o exército vermelho fez propaganda e disse: «O exército vermelho é bom e vamos repartir todas as terras e nunca mais precisam de pagar impostos ou rendas a ninguém». Em 1935 encontrei pela primeira vez comunistas. Eram Li Wen-yuan e Wang Hiao-kang. Tinham ambos trinta anos. Mais tarde encontrei-os de tempos a tempos mas já não sei se estão vivos ou mortos. Vieram um dia ter connosco e disseram-nos: «Somos propagandistas do exército vermelho e agora vocês vão fazer a revolução». Nós respondemos: «Sim, vamos fazê-la». Mas não julgávamos que fossem muito poderosos, não tinham ar disso; nós, então, pequenos camponeses, que fizemos? Nada fizemos então.

Mas no mês de Março do mesmo ano eles voltaram. Convocaram-nos todos para uma reunião ao ar livre e disseram-nos para fundar uma União dos camponeses pobres e eleger um presidente. Então os outros indicaram-me e disseram: «Ele é um homem calmo e sensato e nada fará de irreflectido». Fui então eleito presidente. E Li Wen-yuan e Wang Hiao-kang fizeram discursos e disseram-nos: «Porque é que pagam impostos ao K. M. T.?» Respondemos que tínhamos medo e que o K. M. T. tinha verdadeiros soldados. Mas eles disseram-nos: «Só têm que não pagar os impostos. Não tenham medo, o exército vermelho encarregar-se-á do K. M. T.»

Nesse momento eles tinham um governo em Lo-tchuan e o exército vermelho estava sob o comando de Liu Tche-tan. Ao princípio as pessoas tinham medo e diziam que os comunistas eram assassinos, mas quando vieram eram pessoas vulgares e diziam sempre: «Repartam as terras e lutem contra os proprietários e os déspotas». Falaram muito e fizeram muitas reuniões e nas reuniões nós tínhamos o costume de nos levantarmos e gritar «Sim! sim!» Mas, no fundo, não acreditávamos neles, e não tínhamos confiança, não pensávamos que fossem realmente poderosos.

Mas, no mês de Abril de 1935, o exército vermelho venceu um corpo contra-revolucionário de proprietários armados, a 10 li daqui. Mataram o chefe do distrito do sul, Mu Hin-tsai, e trouxeram muitos despojos. Então as pessoas viram que o exército vermelho era forte e deixámos de ir à cidade com os impostos e as mercadorias. Em lugar disso, organizámo-nos em grupos de guerrilhas à razão de oito a dez homens por grupo.

Já não íamos à cidade nem vendíamos mais sementes na cidade, nem pagávamos mais impostos, e os que eram K. M. T. não se atreviam a viver no campo e fugiam. A cidade foi isolada. Tornou-se uma cidade morta. Quando chegavam os cobradores prendíamos-os. Aqueles que concordavam eram soltos, os outros matámo-los. Assim a cidade ficou completamente isolada. Às vezes batemo-nos com as forças vindas da cidade. Só tínhamos lanças e espingardas fabricadas por nós próprios. Mas desde que as pessoas nas aldeias se organizavam e se entreejavam, quando vinham as forças dos proprietários nada nos podiam fazer.

Em Junho de 1935 repartimos as terras. Tudo foi dividido segundo a importância da família e a qualidade da terra. Mas ao princípio havia muitos incrédulos que diziam: «Mas isto é terra dos outros. Vai trazer-nos desgraça». Repartimos também o gado dos

proprietários, e os que não tinham gado receberam caças e bois. Em 1935 tinham-se acabado as rendas e os impostos, suprimimos as dívidas e todos viviam melhor. Quando os soldados saíam da cidade escondíamos-nos nas montanhas, e quando os soldados partiam regressávamos. O K. M. T. queria roubar as nossas sementes mas escondemo-las bem e fugimos para a montanha. O K. M. T. não conseguiu nada e todo o povo teve mais que comer.

Então o meu pai morreu e em Junho de 1935 — não, em Maio de 1935 —, foi eleito chefe do pelotão no nosso corpo de autodefesa. Estava nessa altura convencido de que a revolução triunfaria, mas, apesar de tudo, às vezes tinha muitas dúvidas. Mudava como o tempo de Outono. Tinha agora a responsabilidade de cem famílias. Tínhamos lanças com borlas vermelhas, facas e 20 espingardas fabricadas em casa. Quando era preciso, todos os homens da aldeia se reuniam, partíamos com as lanças, e no caminho os outros destacamentos das aldeias próximas juntavam-se a nós.

A primeira operação importante em que participei teve lugar em Maio de 1935. Chegou uma mensagem dizendo para nos reunirmos para vencer um proprietário que não se queria render. Então partimos com as bandeiras vermelhas diante das nossas lanças ao longo dos caminhos. O proprietário chamava-se Ma Cho-yen e tinha poder sobre a aldeia de Tsen-san-yang. Tinham-se barricado em casa e tinham vinte homens armados à sua volta para defender a propriedade. Eram os seus próprios caseiros que tinham o dever de o defender. Nós só tínhamos vinte soldados do exército vermelho conosco, mas tinham vindo os corpos de auto-defesa de todas as aldeias. A casa do proprietário foi cercada por centenas de homens. Em todas as montanhas à nossa volta se tinham colocado bandeiras vermelhas. Havia muitas montanhas para colocar as bandeiras, de maneira que todo o horizonte à volta de Ma Cho-yen era vermelho. Então chamámos o proprietário, mostrámos as lanças e dissemos-lhe: «Se não deres as tuas terras e as tuas espingardas não sobreviverás. Morrerás esta noite». Uns momentos depois ele saiu, era um homem forte com bigode, e disse: «Se me deixarem vivo não me interessam as terras e as espingardas». Quando conseguimos as espingardas deixámo-lo partir e ele fugiu para Kan-tchuan, onde tinha parentes. No decurso desta operação não houve sequer um ferido. Quando o proprietário fugiu vieram todos os aldeões que tinham sido obrigados a ficar com ele porque tinham medo de ser denunciados como «bandidos» ou «soldados do exército vermelho»

e porque ele lhes tinha dito que o K. M. T. lhes cortaria a cabeça a todos. Agora estavam contentes, e fizemos uma grande reunião e dividimos todas as terras e bens do proprietário. Em Julho de 1935 entrei para o Partido. Estava então completamente convencido e entreguei-me de alma e corpo à revolução. No mês de Agosto fui eleito presidente da comissão do distrito. Tínhamos então governo revolucionário próprio no nosso *hien*, e o distrito — cujos limites foram mudados há muito tempo — era constituído por estes vales. Eu era responsável pela reforma agrária, pela luta contra os proprietários e pela utilização de grupos de trabalho. Era um trabalho duro, mas éramos dez camaradas no governo.

Aqui em Liu-ling o proprietário era Li Yu-tse. Tinha vários milhares de *mu* de terra. A sua família era uma das quatro que governava Yen-an e a região de Yen-an. Ele possuía metade deste vale até à aldeia das Dez Léguas. Mas refugiou-se na cidade e não conseguimos apanhá-lo. Mais tarde morreu de doença. Li Hiu-tang, que vive nesta aldeia, é seu filho. Era tão novo nessa altura que recebeu tantas terras como os outros. Os filhos dela vão à escola como os outros.

Mas o proprietário Li Yu-tse tinha um parente que era usurário e proprietário. Chamava-se Li Fa-fu, e vivia em Fu si-tchuan, 30 *li* mais longe. O seu filho Li Han-hua era o chefe das forças armadas dos proprietários. Vinha de noite com as suas tropas degolar os comunistas nas aldeias. Depois, quando as tropas do K. M. T. deixaram Yen-an, fugiu para Sian. Nunca se atreveu a voltar, mas partiu para Yu-ling onde trabalhou para um chefe de guerra chamado Kao Chua-tchen. Quando este morreu no decorrer dos anos 40, Li Han-hua escondeu-se numa aldeia mais distante que Yu-ling e disfarçou-se de camponês. Mas houve alguém daqui que o reconheceu e no princípio dos anos 50 apanharam-no e levaram-no para Yen-an onde o processaram e executaram.

Depois de Abril de 1935 fizemos o bloqueio de Yen-an. Não vendíamos mais nada na cidade, nem grão, nem legumes, nem lenha. A coisa durou dezassete meses, e em seguida Yen-an foi liberta, o K. M. T. fugiu e o exército vermelho entrou. Foi neste momento que a comissão central do Partido e o seu Presidente Mao vieram para a nossa terra no Shensi do Norte. Ficaram dez anos. O K. M. T. só se encontrava a 200 *li*. Mas estes dez anos foram uma boa época. Nos vinte ou trinta *hien*s que dominávamos, os cultivadores tinham bois e tinham de comer e de vestir. O nosso



exercito nao estava na cidade, ficou nas montanhas. O exercito desbravava novas terras e cultivava os campos, semeava cereais. Cultivava mais do que o necessário para as suas necessidades. Era um exercito que não vivia dos cultivadores; pelo contrário ajudava os camponeses. Nesse ano houve sementes em abundância. Em 1938 passei um ano noutro trabalho. Comecei a trabalhar na cooperativa de consumo. Fui o director da loja cooperativa de Liu-ling. Deixei a minha terra de Ma-tan ao meu irmão mais novo, levei a minha familia e instalei-me em Liu-ling, na aldeia, onde havia dez ou doze familias. Enquanto director da loja tinha que comprar o que os cultivadores produziam e fazer a revenda. Fazia vir também os produtos de consumo e revendia-os na aldeia. Era uma actividade completamente nova para mim. Era comércio e nunca o tinha feito. Mas tudo correu bem.

Começámos por reunir um capital de arranque. Para ser membro da cooperativa bastava dar uma contribuição de 30 ou 40 cêntimos. Independentemente da contribuição, cada um só tinha um voto. Os membros podiam retirar os seus fundos quando quisessem, embora fizéssemos propaganda para que os deixassem estar. Depois de algum tempo toda a gente concordou em achar que a cooperativa era uma coisa boa, os produtos eram mais baratos que antigamente e além disso eram os próprios membros que beneficiavam do comércio.

Ao principio muitos cultivadores na região tinham dúvidas. «Isto não passa de um truque para nos arrancarem dinheiro», diziam. Mas outros responderam: «Mesmo que nos enganem nós não perdemos grande coisa e não custa nada experimentar». Também fizemos muita propaganda a favor da cooperativa. O principal argumento era o preço muito baixo da participação.

Dois ou três anos depois, toda a gente viu que a cooperativa era uma boa solução. Quando viram que os produtos eram sempre mais baratos e que podiam amealhar bom dinheiro sem ter que o retirar a não ser quando quisessem, todos ficaram de acordo e pouco a pouco começaram a investir mais dinheiro. Os que não tinham dinheiro podiam investir um burro e, avaliado este, podiam contar com capital cooperativo. Por fim, chegámos a ter 600 jorros. Aumentámos também os dividendos. Antes do ataque de Yu Tsung-nan em 1947, o dividendo tinha chegado a 100 % por ano e tínhamos 300 empregados. Tínhamos sete lojas e éramos uma grande empresa. Continuei a ser o chefe da loja de Liu-ling.

Em Liu-ling a vida tinha-se tornado melhor durante estes dez anos. O bem-estar aumentava. Começou a haver novas grutas e novas terras cultivadas. Chegavam cada vez mais famílias. Os recém-chegados podiam pedir dinheiro emprestado à nossa caixa de crédito para comprar ferramentas. Mas não exigíamos juros porque não éramos usurários. Deste modo, a produção aumentava constantemente. Depois da colheita, os novos pagavam o que tinham pedido emprestado, entrando depois para a cooperativa e investindo ainda mais dinheiro, de modo que podíamos emprestar mais aos novos recém-chegados. Continuámos a construir deste modo ainda durante dez anos.

Foram uns anos bons. O nosso VIII exército tinha arroteado muitas terras. Quando partiu, deixou todas estas terras aos cultivadores. Gratuitamente. Vimo-los partir para combater os japoneses. Quase não tinham uniformes e tinham poucas armas e perguntávamo-nos se tal exército poderia vencer o Japão. Mas depois chegaram os boletins das vitórias. Em Yen-an ficaram muito poucos soldados. Nesse ano tivemos porcos gordos, bois e muitas sementes. Todos tinham que comer e sobejava. Depois chegou o general Hu Tsung-nan.

Foi no fim de 1946, princípio de 1947, que soubemos que Hu Tsung-nan e as suas tropas se aproximavam. Tínhamos então muitas mercadorias e um grande capital. Precisávamos de um mês para evacuar todo o material. Enterrámos o que sobejou e escondemo-nos nas montanhas. Nesse momento a cooperativa do distrito Sul tinha mais de 80 peças no local da actual escola. Mais foi tudo destruído. Nada ficou das lojas e o que tínhamos enterrado, ou foi descoberto pelos soldados de Hu Tsung-nan, ou desenterrado depois pelas pessoas quando recomeçaram a ter fome. Os soldados de Hu Tsung-nan comeram tudo o que havia para comer na região. Destruíram o resto. O povo dizia: «Que é que se pode fazer agora? Deixámos de ter uma razão para viver!» Quando descí das montanhas durante a ocupação e vi que tudo estava destruído e que as tropas de Hu Tsung-nan estavam por toda a parte, já não pude trabalhar na cooperativa, que deixou de existir. Então comecei o trabalho político. Fiz-me guerrilheiro.

Organizámo-nos em Liu-ling. O vale do Nan é uma via de comunicação importante. A grande estrada de Yu-ling passa lá. Éramos cinco e tínhamos duas espingardas. Uma noite, em Abril de 1947, atravessámos o rio e subimos para as montanhas de Leste.

Um mês depois éramos já 48 homens e 28 espingardas. Escolheram-me como chefe. Os inimigos tinham ocupado os vales, as estradas e as cidades. Tomámos as armas ao K. M. T. Quando descobríamos um regimento pequeno cercávamo-lo e pedíamos-lhes armas. Acostumaram-se depressa a ter medo de nós e rendiam-se. No primeiro mês tirámos-lhes 30 espingardas. Os aldeões davam-nos de comer e mantinham-nos informados do que fazia o K. M. T. Cada vez que vinham tropas mais importante do K. M. T., fugíamos. Cada vez que as tropas se dividiam em grupos pequenos de oito ou dez homens, aniquilávamo-los. Assim o K. M. T. deixou de poder servir-se de grupos pequenos e tinha que deslocar sempre grandes tropas, o que lhe tornava a vida dura.

Além disso, os soldados do K. M. T., no fundo, não tinham vontade nenhuma de combater. Se chegavam sôzinhos a uma cidade eram feitos prisioneiros, falávamos com eles e dávamos-lhes de comer. Se queriam voltar para as suas terras e deixar o exército, dávamos-lhes dinheiro e ajudávamo-los a partir. Na região de Yen-an fizemos desertar diariamente uns vinte soldados do K. M. T. Tratávamos bem o simples soldado. Quando os capturávamos eles diziam: «Nós também somos lavradores. Também temos pais e filhos e não gostamos da guerra; queremos voltar para as nossas aldeias».

Havia então três regimentos do K. M. T. na região e 2 000 guerrilheiros vermelhos. O K. M. T. tentou organizar a população mas nada conseguiu. Só tinham ficado os velhos e as crianças nas aldeias. O K. M. T. organizava reuniões e designava chefes de secção, mas estes a maior parte do tempo estavam em contacto connosco e contavam-nos tudo, por um lado porque não gostavam do K. M. T., e por outro porque achavam mais prudente. Na nossa aldeia ninguém seguiu o K. M. T. durante todo o tempo da ocupação. Noutras aldeias isso aconteceu, mas aqui as pessoas, ao fim de algum tempo, deixaram de o fazer. Foram os parentes dos proprietários rurais, tais como Li Hiu-tang, que conduziram as tropas de Hu Tsung-nan a Yen-an e que em seguida trouxeram as armas para o K. M. T. e trabalharam para o K. M. T. Houve um que se alistou no exército do K. M. T.: foi Tong Yang-tchen. Permaneceu soldado do K. M. T. durante alguns meses antes de conseguir desertar. Tuan Fu-yin ficou na aldeia e trabalhou para o K. M. T. Houve muitos dos que tinham partido para as montanhas que se inquietaram por causa das suas terras e que voltaram para a aldeia. Muitos foram apanha-

dos pelo K. M. T. que os obrigou a transportar sacos de sementes em varas para o comboio de Hu Tsung-nan. Foi assim que Ma Hai-hiu e outros foram carregadores no exército do K. M. T. mas desertaram quando os deixaram sem vigilância.

O K. M. T. metia medo a todos. Obrigava os velhos a carregar dois sacos, e, quando não tinham força, os soldados do K. M. T. batiam-lhes. O nosso exército pedia guias aos habitantes das aldeias mas nunca obrigou ninguém a levar alguma coisa, e os nossos soldados eram bem educados, sempre correctos e agradeciam sempre. Nós até dizíamos: «Como o nosso exército é bem educado e agradável!» Mas o K. M. T. agarrava os aldeões, e quando apanhavam um havia dois soldados que o seguravam e um terceiro que lhe perguntava: «Há por aqui gente do velho VIII?» Então o que tinha sido agarrado respondia: «É difícil dizer porque eles vão e vêm». Mas os soldados perguntavam: «Onde estão eles agora?» Quando os aldeões não queriam ou não podiam responder batiam-lhes. Depressa todos começaram a odiar o K. M. T. Mas nós, guerrilheiros, nunca batemos em ninguém, nem nunca falámos com dureza, e actuávamos de noite e de manhã tínhamos desaparecido. O K. M. T. organizava as secções de dia, mas à noite os chefes de secção desapareciam nas nossas terras, e no dia seguinte o K. M. T. tinha de recomeçar.

Na guerrilha tínhamos boas fontes de informação. Sempre que os soldados do K.M.T. pediam um guia, o guia entrava em contacto connosco e fazíamos uma emboscada, e o K. M. T. tinha muitas dificuldades. Por fim os soldados do K. M. T. pensavam que éramos muitos e que estávamos em toda a parte. Mas não era verdade. Nunca fomos mais de dois mil homens. Mas sabíamos mais que eles. Se os soldados do K. M. T. chegavam, escondíamos-nos quando eram muito numerosos, mas vencíamos-os se eram só alguns. Quanto mais combatíamos mais vitórias conseguíamos. Os aldeões apanhavam armas e balas para nós enquanto os soldados estavam a dormir.

Nesse ano houve muitas batalhas. O K. M. T. nunca sabia se estava a combater com o nosso exército ou com os guerrilheiros. Desmoralizávamos os soldados de todas as maneiras. Durante a noite atirávamos sobre os campos deles. Então tocavam o alarme e assim não os deixávamos dormir. Bastava mandar só um homem para manter todo o campo do K. M. T. acordado noite após noite. Por fim estavam cansados e enervados. Nunca tiveram mão em nós.

Além disso tínhamos o cuidado de fazer com que os simples

soldados não tivessem medo de nós. Quando vinham ter connosco éramos simpáticos com eles, convenciamos-os e dávamos-lhes o dinheiro para a viagem para que pudessem deixar a guerra. Mas sabíamos o que nos acontecia se eles nos apanhassem. Na aldeia vizinha prenderam um comunista. Mandaram-no a Sian para ser interrogado e depois afogaram-no rio. Preferíamos morrer em combate a ser apanhados. Podíamos deslocar-nos para as aldeias em pequenos grupos de dois ou três homens, mas os soldados do K. M. T. deviam ser bastante mais numerosos para se vigiarem uns aos outros. Além disto, os oficiais batiam nos próprios soldados. O K. M. T. submetia também os prisioneiros à tortura. Isso era particularmente odiado. Por isso o K. M. T. nunca conseguiu ter a população do seu lado, se bem que os seus soldados tenham ocupado o território durante treze meses. Ficaram cada vez mais desmoralizados. O K. M. T. capturou vários comunistas nestes lugares. Mas o Partido conseguiu salvar a maior parte deles.

Depois o K. M. T. foi obrigado a fugir e regressámos. Deixei o trabalho político e voltei à cooperativa. Entregámos as espingardas e pusemo-nos a reconstruir a loja. Tinha sido tudo destruído. O K. M. T. até tinha cortado as árvores e nada ficara das casas e das mercadorias armazenadas. Os aldeões também nada tinham. Estava tudo destruído. Mas tínhamos apesar de tudo alguns recursos. Tínhamos créditos de perto de 1 000 dólares, de modo que pudemos abrir uma nova loja. Mas nunca foi tão grande como a primeira. E dos 300 empregados que tínhamos tido, a maior parte partira para outras províncias para refazer o comércio. Estávamos no momento de conseguir a vitória em toda a região e precisávamos da ajuda de todos.

O chefe de secção do K. M. T. da aldeia das Sete Léguas chamava-se Tse. Ele fugiu, mas o segundo, que se chamava Yu, ficou. Fizeram-lhe um processo. As pessoas acusavam-no de lhes ter batido e roubado as vacas. Teve três anos de prisão. Depois voltou e há alguns anos morreu de doença. Li Hiu-tang foi condenado a três anos ou três anos e meio de prisão e à perda dos direitos cívicos. Tinha sido o responsável pelos agentes do K. M. T. nesta região. Fazia parte dos seus serviços de espionagem. Mas a sua família vivia na aldeia das Sete Léguas e não fugiu com o K. M. T. Aliás não tinha morto ninguém. Se o tivesse feito, o castigo teria sido mais duro. Voltou no princípio dos anos 50. Depois ocupou-se de 50 mu de terra e por fim admitiram-no na cooperativa agrícola

avançada «O Oriente tem um brilho vermelho» como um dos últimos recebidos em 1955. Não tem o direito de votar, mas tem os direitos económicos de qualquer outro. Está sob vigilância. Na realidade é o único contra-revolucionário da aldeia. Se alguma vez mostrar que pode trabalhar a valer e que se transformou recuperará os seus direitos políticos. Mas ainda não deu sinais disso. É preciso dizer que o pai dele possuía alguns milhares de mu na região.

Quanto a mim, trabalhei na loja cooperativa até 1953, quando passei à reforma. Voltei então para a equipa de produção e ajuda mútua, como lavrador. Em 1954 entrei para a cooperativa agrícola de Liu-ling. Aí fui eleito presidente da comissão de inspecção. É um trabalho não remunerado, bem entendido. Faço também parte da comissão da associação do Partido em Liu-ling. Ainda continuo bem mas estou a ficar velho, e o meu trabalho já vale metade. Trabalho sobretudo nos campos de legumes, visto ser membro da equipa de produção da cultura de hortas. A inspecção dá-me também um certo trabalho. Trata-se de velar por que os funcionários façam bem o seu trabalho e não gastem dinheiro inutilmente. Não tem havido fraudes, mas às vezes não se tem todo o cuidado e acontece que os diferentes directores de trabalho não se portam como deviam.

Ao olhar para a minha vida passada só quero dizer uma coisa, é que todos devem participar na revolução. Não será verdadeiramente uma revolução se cada um não assumir as suas responsabilidades e não se entregar realmente a ela. Mesmo quando se chega a velho como eu, é preciso continuar a trabalhar na revolução porque a revolução nunca pára, se bem que passe por estados diferentes.



